

A CONSTRUÇÃO E O USO DO DISCURSO COLETIVO DO PRECE

Fernando Moreira Falcão Neto | moreirafalcaoneto@gmail.com

Ana Maria Teixeira Andrade | anamariaprece@gmail.com

INTRODUÇÃO

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.
(JOÃO, 1,1)

A fala como criadora e criatura. Constituímos-nos através de narrativas, sejam elas imagéticas, gestuais ou verbais. Nossas ações precisam ser contadas para receberem significação. Cotidianamente, preenchemos nossa existência com sentidos, seguimos a ordenar as imprecisões das nossas subjetividades sob a lógica de uma inteligibilidade racional e socialmente aceita. Criamos uma ordem para o nosso existir, transformamos nossas experiências em um caminho, em uma estrada, recusamos o movimento helicoidal como próprio a nossa humanidade. Delory-Momberger (2008) defende que nunca atingiremos diretamente o vivido, a experiência só se torna acessível quando a transformamos em história. Precisamos falar sobre algo para que esse algo se impregne de sentido, antes da narrativa não há o algo, mas sim o nada. A construção narrativa do viver como um caminho a ser percorrido, não aceita o nada. É preciso dar sentido. As autobiografias, o contar sobre si é a busca de significar-se diante de si e diante do outro.

O Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) adota o falar de si como método de ensino e de mobilização de novos estudantes. Criado em outubro de 1994, o programa surgiu a partir do encontro de oito pessoas. Sua narrativa oficial, que está disponível em seu site⁴⁵, fala de “7 jovens fora da faixa etária escolar” que “tiveram a ajuda da comunidade e do professor Manoel Andrade” para, apesar da precária situação do ensino formal ao qual estavam submetidos, buscarem o desejo de ingressar em uma instituição de ensino superior. Entrelaçada por palavras como solidariedade, cooperação e protagonismo, constitui-se a história coletiva desse grupo. Memórias individuais somam-se à narrativa coletiva e, às vezes, fundem-se a ela.

Com a prática de solicitar aos seus integrantes a elaboração de memoriais, o PRECE tem a história de vida como metodologia de ensino e meio de se fazer conhecer. Os 7:

45 Site do PRECE: <http://www.prece.ufc.br/>, consultado no dia 29/07/2015.

Francisco Antônio (Toinho), Francisco Gonçalves (Chicão), Noberto, Eudimar, Orismar, Carlos Roberto (Beto) e Raquel construíram uma história que é repetida há quase 21 anos. Gerações os citam como exemplos, suas histórias são usadas para sensibilizar e propagandear sobre um projeto que promete viabilizar a realização de sonhos. A narrativa do êxito, da conquista, da meta alcançada, e da transformação de vida guia os relatos dos sete e dos outros que se contam como inspirados por eles.

Orientados por Manoel Andrade, professor universitário, o grupo passou a usar uma casa de fazer farinha, que estava desativada, para estudar. Construído pela Associação dos Moradores e Pequenos Agricultores Rurais de Cipó e Capivara (Acompare), o prédio fica na localidade rural de Cipó, em Pentecoste, município cearense. Com o auxílio um do outro, o grupo desenvolveu um método próprio de estudo, constituído com a leitura e o debate dos conteúdos formais. A metodologia fez-se com a prática, surgiu da intuição e das conversas com o Professor Manoel Andrade. Com as conquistas do grupo e a chegada de novos estudantes, a prática de contar a história de vida agregou-se ao método de estudo que se aperfeiçoou ao longo dessas duas décadas.

Era preciso produzir resultados que justificassem aquela ação. A primeira aprovação no vestibular veio em junho de 1996, Toinho ingressou no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC); no fim do mesmo ano, Chicão fora aprovado para o curso de Engenharia de Pesca da mesma universidade. A história se propagou e o grupo se tornou exemplo, referência. Construía-se um movimento reivindicado como elemento identitário. Em 1998, o grupo começou a formalizar-se, denominaram-se como Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE). Com o reconhecimento simbolizado nas 200 assinaturas de moradores da região, a ata⁴⁶ de constituição do projeto atesta:

Aos 18 do mês de outubro. Do ano de mil novecentos e noventa e oito, às 20 horas na casa de farinha, situada na comunidade do Cipó, município de Pentecoste, Estado do Ceará, reuniram-se em Assembleia Geral de Constituição e Fundação os senhores membros do PRECE – Projeto Educacional Coração de Estudante. Estavam presentes muitas pessoas residentes nas comunidades adjacentes. Foi dada a saudação de boas vindas aos presentes pelo jovem Francisco Antônio Alves Rodrigues, o qual passou a palavra para o seminarista Alexsandro Rocha dos Santos, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que dirigiu uma devocional e na ocasião fez uma oração pedindo que Deus abençoasse a reunião e a Entidade a ser fundada. Após a oração, todos entoaram o cântico “Oh! Vinde vós os povos de todas as nações, erguei-vos e cantai com alegria”.

46 Ata da Assembleia Geral de constituição do Projeto Educacional Coração de estudante (PRECE), realizada no dia 18 de outubro de 1998.

Surgia o discurso oficial, o grupo iniciava a produção documental como elemento narrativo. No mesmo ano, ocorreu uma parceria com a UFC, o projeto tornou-se ação de extensão, nascia, no ambiente acadêmico, o Programa de Educação em Células Cooperativas, nome adotado até hoje. Era preciso institucionalizar-se, e membros do PRECE criaram o Instituto Coração de Estudante (ICORES)⁴⁷, organização não governamental (ONG) que oferece suporte financeiro ao projeto.

Em sua trajetória, o Prece atuou, inicialmente, como movimento, articulando e agregando pessoas interessadas em participar dos processos educativos em desenvolvimento na casa de fazer farinha. Posteriormente, ingressou na institucionalidade, experimentando um novo processo de organização que, de certo modo, trouxe benefícios, do ponto de vista do estabelecimento de parcerias que impulsionam os projetos desenvolvidos pela instituição.
(RODRIGUES, 2007, p. 16)

As parcerias surgem como um meio de viabilizar as ações desenvolvidas pelo PRECE. A proximidade com instituições (públicas e privadas) intensificou-se progressivamente. Para conquistar parceiros, é preciso narrar-se e a história oficial desse projeto forma-se a partir de histórias de indivíduos, que se constroem como militantes do PRECE e o reconhecem como um elemento constituidor de suas identidades. Há famílias inteiras que possuem suas memórias entrelaçadas à história do movimento. Amizade e fé estão presentes tanto nas histórias orais como em documentos oficiais (como no trecho da ata citada anteriormente), são elementos constituidores de uma coletividade que não se pretende homogênea. A identidade do grupo se constrói a partir da pluralidade e diversidade presente nas narrativas individuais.

O PRECE precisa de histórias individuais para manter a sua história grupal em movimento, é preciso que o outro se reconheça nessa história coletiva e decida agregar-se a ela. Para isso, é preciso narrar a história do grupo, unir as centenas de vidas que se somaram a esse movimento em uma narrativa ordenada e coesa. É necessário gerar uma identificação.

A biografia e a autobiografia constituem os processos de identidade e identificação (MAGALHÃES JÚNIOR e FERREIRA, 2013). O narrar sobre si, como método pedagógico, pode gerar identificação entre educando e educador, o que construiria o outro como um possível referencial de comportamento, além de elucidar sobre o contexto social no qual se desenvolve o processo de aprendizagem e ensino. Transformar fatos vividos em narrativa, ordenar como discurso uma experiência é um meio pedagógico e político, desde que

47 O estatuto da instituição cita a criação do PRECE (18 de outubro de 1994) como a data de sua fundação, no entanto, a data do registro do estatuto é de 10 de agosto de 2004.

compreendido como uma construção, um recorte, um ordenamento arbitrário. É com o compartilhamento de nossas histórias que possibilitamos a criação de um mundo novo.

A CONSTRUÇÃO DO EU

Adotamos a pesquisa biográfica como método que possibilita a investigação proposta neste trabalho. Cunha (1997) destaca que “foi preciso algum tempo para construirmos a ideia de que assim como a experiência produz o discurso, este também produz a experiência”. A fala não apenas conta o que foi constituído pelo PRECE, mas também constitui e revalida os elementos identitários que direcionaram as ações do porvir. Bourdieu (2006) percebe o relato autobiográfico alicerçado na busca de se dar sentido, o discurso direcionaria e criaria o EU particular que se soma a outros EUs e constrói o NÓS precisa.

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que (...) uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual e concebida como uma história e o relato dessa história. (idem,p.183)

Bourdieu questiona a compreensão da vida como um *cursus*, um trajeto com uma ordem cronológica e lógica, um conjunto coerente e orientado. Para o autor, “não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e totalidade” (ibidem). Como meio para a reflexão crítica sobre as concepções de histórias de vida, ele nos instiga a adotar o conceito de *habitus* como um “instrumento conceitual que predispõe a compreensão das escolhas e preferências de determinados grupos ou indivíduos dentro de uma mesma trajetória social”. (SANTIAGO e FERREIRA, 2013)

Podemos encontrar no *habitus* o princípio ativo, irreduzível às percepções passivas, da unificação das práticas e das representações (isto é, o equivalente, historicamente constituído e, portanto historicamente situado, desse eu cuja existência, segundo Kant, devemos postular para justificar a síntese operada na intuição e a ligação das representações numa consciência). Mas essa identidade prática somente se entrega à intuição na inesgotável série de suas manifestações sucessivas, de modo que a única maneira de apreendê-la como tal consiste talvez em tentar recuperá-la na unidade de um relato totalizante (como autorizam a fazê-lo as diferentes formas, mais ou menos institucionalizadas, do falar de si, confiança etc.). (BOURDIEU, 2006, p.186)

Para compreendermos uma história de vida, precisamos reconstruir “os estados sucessivos do campo que ela se desenrolou” (idem). As práticas sociais seriam “produto de

uma relação dialética, que posteriormente foi chamado de campo social, situado como o local de mediação entre o ator social e a estrutura” (SANTIAGO e FERREIRA, 2013). Os sujeitos agiriam a partir dos locais sociais nos quais se encontram, constituir-se-iam como indivíduos em um diálogo contínuo com o mundo conhecido. Nesse contexto, emergiriam as reivindicações identitárias, seriam construídas as sensações de pertencimento e inadequação. Os exemplos, os comportamentos admiráveis tornam-se mecanismos para a construção do eu, no entanto, o padrão comportamental a seguir desenvolve-se de acordo com o local social do sujeito.

Bauman (2003) nos apresenta o que denomina como comunidade estética. De acordo com o autor, vivemos em uma realidade líquida, na qual, nossos laços sociais são frágeis e somos indivíduos isolados, apesar de estarmos constantemente em contato uns com os outros. Estamos cada vez mais distantes de quem está ao nosso lado e, como conforto, buscamos identificação com ídolos que nos trazem uma sensação de segurança momentânea. Comprometimento não faz parte da comunidade estética, as perspectivas são volúveis e passageiras, os ídolos são substituíveis. No entanto, o que nos leva a comunidade estética é a busca por segurança:

A comunidade que procuram seria uma comunidade *ética*, em quase tudo o oposto do tipo “estético”. Teria que ser tecida de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, que, graças à sua durabilidade prevista (melhor ainda, institucionalmente garantida), pudesse ser tratada como variável dada no planejamento e nos projetos de futuro. E os compromissos que tornariam *ética* a comunidade seriam do tipo do “compartilhamento fraterno”, reafirmando o direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras que são os riscos inseparáveis da vida individual. (idem, p. 68)

Com o uso das histórias de vida, o PRECE propaga exemplos e histórias de êxito, constituindo-se como referencial para a construção de um coletivo com laços políticos e afetivos que constituiriam uma comunidade ética, sedimentada sobre a solidez do comprometimento e responsabilidade individual com a construção da coletividade precista. As narrativas contextualizam o *habitus* e o campo social de atuação dos sujeitos, o que posiciona as falas e informa o lugar social do discurso. A prática política adotada pelo PRECE parte da oralidade, do compartilhamento de experiências, por isso, escolhemos utilizar as narrativas constituídas no interior do movimento como meio de compreender a práxis precista.

A partir da compreensão da escrita e da pesquisa como autobiografias, Hansen (2008) nos guia pelas nuances que o texto dos outros nos apresenta. Escrever é recortar, é interpretar

um objeto. Escrever sobre si é mostrar-se em palavras ditas e omitidas. A autora conta sobre a experiência de trabalhar o desenvolvimento da escrita com crianças, adolescentes e professores. “Meus estudantes me estudam. Eles analisam minha busca de mim mesma, meus esforços para ser verdadeira comigo” (idem). A honestidade sobre a verdade que é reivindicada como autenticidade refere-se à coerência discursiva. A busca dos valores compreendidos como significativos à constituição de uma personalidade. A fala e a ação agem sobre a busca contínua de construir um EU.

Le Goff (2003) apresenta a memória como um “nível elementar” da constituição da narrativa histórica, ao encontro da proposição do autor, Magalhães Júnior e Ferreira (2013) afirmam:

As memórias proporcionadas pelo grupo alimentam as lembranças, e, sendo assim, na produção e remomeração da memória, o outro tem o papel fundamental, uma vez que esta memória contribui para o sentimento de pertença a um grupo que de alguma forma tem algo em comum. Amparado nessa memória, garante-se o sentimento de identidade, compartilhado não somente no campo histórico, mas também na área simbólica. (idem, p. 37)

A memória se coloca em disputa no discurso que ordena e orienta nossas escolhas. O PRECE atua nessa disputa, o objetivo é agregar a história do grupo às memórias individuais e utilizar as narrativas particulares para constituir a história grupal.

A memória nunca é feita apenas pelo indivíduo, mas está encravada em contexto familiar, social e político. A memória é então uma construção feita no presente a partir de experiências ou vivências acontecidas em um passado selecionado e transformado em discurso. (ARANHA, VASCONCELOS e MATOS, 2013, p. 134)

Ao usar a história de vida como parte de seu método pedagógico o PRECE busca compartilhar histórias e construir uma memória de si.

A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE PRECISTA

Rodrigues (2007) apresenta, como o contexto que possibilitou a criação do PRECE, a situação precária da educação formal nas zonas rurais. O sertão cearense é o lugar geográfico e o agricultor o ator social. A educação no campo é o discurso articulador do movimento. A transformação da realidade e a busca pelo direito básico à educação formal constituem-se em fio condutor da história do PRECE, cujo surgimento está diretamente atrelado à incapacidade do Estado contemporâneo de assegurar direitos básicos a todos. Na sua construção narrativa, o autor, que integrou o grupo de estudantes que originou o movimento, conta que 5 jovens

campesinos iniciaram o projeto, o que destoa da narrativa oficial apresentada. No entanto, essa narrativa é construída, a realidade é interpretada e apresentada através da fala. Francisco Gonçalves, o Chicão, nos falou sobre isso em depoimento concedido em 2011⁴⁸:

Uma ou duas semanas depois, o Orismar chegou... Acho que umas três semanas depois, o Noberto... Por isso que eu costumo dizer que realmente foram sete pessoas que criaram o PRECE, porque se você contar os cinco primeiros que entraram, logo após vieram Orismar e Noberto, então, se você considerar esse período é um período muito curto (...) Esses sete, na minha opinião, considero os iniciantes por isso, tiveram (sic) ali no início, criaram a ideia e tal e botaram (sic) pra funcionar...

Na disputa interpretativa, consolidou-se a narrativa dos sete primeiros, elaborou-se o discurso que é compartilhado e aceito pelo grupo que constitui o PRECE. Se entre os primeiros a chegar ao movimento existia a dúvida se foram cinco ou sete, para o estudante que se soma hoje a essa história não há dúvidas de que foram sete. As experiências vividas são reelaboradas no discurso, as percepções do real se confrontam na disputa da representação dos fatos. As ações que significam a vida preenchem-se de significado depois de interpretadas, recortadas e ordenadas em discursos.

Francisco Antônio Rodrigues, o Toinho, ao contar sobre um fato de sua infância⁴⁹, usou a expressão “imagino como se fosse hoje” como sinônimo de lembrar. Lembrar o real também se constitui como ato da imaginação. Todo discurso é criação, interpretamos o real e não o apreendemos. Na busca da construção de uma identidade de grupo, há a disputa de percepções e de interpretações, vence a que é aceita e compartilhada pela maioria. A identidade não se constitui naturalmente, mas sim a partir dos relacionamentos que atuam em um determinado contexto social e histórico. O campo, o sertão, o agricultor, o pescador, Deus, a solidariedade e a esperança são elementos narrativos que formam a história do PRECE e perpassam a história dos sujeitos que dela compartilham.

Cunha (1997) nos diz que “as narrativas não são meras descrições da realidade, elas são, especialmente, produtoras de conhecimentos que, ao mesmo tempo que se fazem veículos, constroem os condutores”. As histórias de vida são usadas no PRECE como meio de conhecer o vivido e de se transformar no ato da narrativa. Narrar-se pode ser usado como meio de estranhar o que está posto como natural, possibilidade de questionar os lugares sociais pré-estabelecidos e construir-se em um processo de recusa e reivindicação das representações identitárias. Para um militante do PRECE, contar-se é ato político de

48 Depoimento coletado pelo Projeto Memorial do PRECE.

49 Depoimento coletado pelo Projeto Memorial do PRECE.

mobilização e de afirmação. Na reivindicação de memórias coletivas constrói-se o precista.

[...] a sigla PRECE, de forma concreta, é o nome do programa que dá suporte às ações educacionais e, no imaginário coletivo, é a representação de um movimento. O que se denomina genericamente de “precista” não é apenas aquele que participa dos projetos educacionais do PRECE, e sim qualquer sujeito envolvido na rede de ações protagonizadas por um coletivo, que possui origens, caminhadas e objetivos semelhantes. (AVENDAÑO, 2008, p.30)

À medida que se torna referencial, o PRECE gera uma identidade reconhecida no contexto social no qual está inserido, assim, surge o precista, adjetivo empregado para referir-se aos integrantes do grupo. A identidade precista torna-se signo de distinção social. As narrativas precistas se constituem na busca de significar essa identidade, as ações coletivas roteirizadas em discurso politizam e orientam a prática.

O PRECE consolida-se como referencial sem fazer parte de instituições formais, constituindo-se como uma prática educacional não-formal. No entanto, seu discurso e suas parcerias o tornam reconhecido por instituições formais, o posicionando, ora como contestador das instituições constituídas, ora como colaborador dessas instituições.

Se o PRECE é um movimento social, ou se foi e deixou de ser por conta do caráter institucionalizado a partir da criação do Instituto Coração de Estudante. Mas a problemática não se refere à necessidade de se fazer uma separação rígida entre movimento social e organização não-governamental, pois essa é uma dimensão histórica e conceitual que varia segundo diferentes paradigmas, e que requer um pouco mais de amadurecimento dos atores sociais envolvidos sobre a própria identidade de grupo. (AVENDAÑO, 2008, p.29)

A problemática, de acordo com Avendaño, está diretamente relacionada a como os sujeitos envolvidos se reconhecem. O mover do grupo, a construção de sua prática estaria de acordo com a concepção do papel social que orienta as ações dos indivíduos e do grupo. Aranha, Vasconcelos e Matos (2013) argumentam que a educação não acontece apenas no ambiente escolar, mas em todos os espaços sociais. A escola constitui-se como espaço formal, que por não conseguir atender de forma satisfatória às demandas estabelecidas pela estrutura social, possibilita que surjam iniciativas de formação que se estruturam fora do alcance da disciplina escolar. Seriam ações educacionais que lecionariam conteúdos formais, de forma autônoma, independente e leiga, sem o reconhecimento formal. A metodologia precista constitui-se a partir de conteúdos formais e de percepções educacionais informais, com o uso de conhecimentos oriundos das vivências interpessoais e do relacionamento com o meio

social no qual se desenvolve.

A disputa cotidiana que se desenvolve através das práticas e falas constrói o EU que se reivindica precista. A identidade dos sujeitos estabelece a identidade e a história coletiva. As demandas estabelecidas pelo grupo refletem o posicionamento político do grupo. Conquistar o reconhecimento comunitário no espaço não-formal possibilitou ao coletivo estabelecer disputas dentro das esferas formais. O PRECE firmou com a Secretaria da Educação, SEDUC/CE uma parceria que permite o desenvolvimento da metodologia de ensino precista dentro de salas de aulas da rede pública. A Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Alan Pinho Tabosa, em Pentecoste, adota projeto político pedagógico inspirado nas ações precistas. Contudo, dentro dos espaços escolares formam-se alunos e não militantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizamos, a partir da história e das práticas precistas, a constituição dessa memória coletiva que apresenta o PRECE como iniciativa que perpassa histórias de indivíduos, transformando-os em sujeitos com ação política ativa. As histórias de vida narradas situam o grupo precista em um contexto de criação de práticas docentes e discentes que se agregam a um movimento de enfrentamento à atual estrutura educacional cearense e brasileira. Civis com formação precária organizaram-se, sem o apoio de instituições legalmente reconhecidas, e qualificaram-se formalmente para se inserir no ambiente acadêmico que lhes foi historicamente negado. A reflexão sobre a constituição da narrativa desse movimento colabora para ampliar a compreensão das práticas educacionais nacionais que ocorrem sem a chancela legal dos órgãos estatais, mas com o reconhecimento popular.

Percebemos que os discursos se constituem e se agregam em torno de elementos em comum que formam a história do grupo. Contar a história do Prece é narrar, como trajeto, as histórias dos indivíduos que uniram-se para formar esse movimento que constitui a identidade chamada de precista. O elemento identitário atua como articulador da existência do projeto, que não se pré-dispõe a oferecer meios instrumentais para a formação educacional dos sujeitos que agrega, mas reivindicar no seu discurso a transformação social e subjetiva deste sujeito. No discurso, o sujeito é convocado a unir-se ao PRECE como meio de expandir a sua visão de mundo e predispor-se a posicionar ativamente diante o meio que está inserido.

Neste trabalho, apresentamos um pequeno recorte dos caminhos discursivos que constituem os movimentos que formam o PRECE. Percebemos o elemento identitário como

reivindicação para a criação de uma rede comunitária para atuação política no campo educacional. A história de vida aparece como meio mobilizador do processo pedagógico e político que se realizam de forma intrínseca.

Do que tenho necessidade é de histórias, levei muito tempo para saber disso.
(BECKETT, 2007, p.31)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, F. K. B.; VASCONCELOS, J. G.; MATOS, C. S. Da escola ao Cabaré: a vida de Luciana Sousa. In: VASCONCELOS, J. G.; SANTANA, J. R.; FIALHO, L. M. F.; VÍCTOR, D. M. R.; XAVIER, A. R.; OLIVEIRA, R. L. S. **Pesquisas biográficas na educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

AVENDAÑO, A. C. A.. PRECE: Caminhadas de sujeitos comunitários. In: XIMENES, V. M.; AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS, F. G. **Psicologia Comunitária e educação popular: vivências de extensão/ cooperação universitária no Ceará**. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CUNHA, M. I. da. Conta-me Agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. In: **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 23, 1-2, jan. 1997.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e indivíduo: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

HANSEN, J. Escrita e pesquisa são autobiográficas. In: OLINDA, E. B. DE; CAVALCANTE JÚNIOR, F. **Artes do Existir: trajetórias de vida e formação**. 2008.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas. São Paulo: UNICAMP, 2003.

MAGALHÕES JÚNIOR, A. G.; FERREIRA, M. N. B. A utilização de biografias na formação de professor. In: VASCONCELOS, J. G.; SANTANA, J. R.; FIALHO, L. M. F.; VÍCTOR, D. M. R.; XAVIER, A. R.; OLIVEIRA, R. L. S. **Pesquisas biográficas na educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

RODRIGUES, F. A. A. **Instituto Coração de Estudante: educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em pentecoste – Ceará**. Dissertação. Fortaleza, 2007.

SANTIAGO, L. B. M.; FERREIRA, T. M. S. Um novo olhar sobre Pierre Bourdieu, trajetórias e conceitos. In: VASCONCELOS, J. G.; SANTANA, J. R.; FIALHO, L. M. F.;

XIV ECHE – ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
IV ENHIME – ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO
FORTALEZA – CE | 17 a 19 de Setembro de 2015 | ISSN XXXX XXXX

VÍCTOR, D. M. R.; XAVIER, A. R.; OLIVEIRA, R. L. S. **Pesquisas biográficas na educação.** Fortaleza: Edições UFC, 2013.